

## Centenário de Hércules Florence

*Homenagem do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas*  
( Publicada na Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas, Ano III, N. 2, de 30 de abril de 1904.)

(Ortografia atualizada.)

*Ata da VI Sessão solene do Centro de Ciências, Letras e Artes, realizada no dia 29 de fevereiro de 1904, em comemoração do centenário do nascimento de Hércules Florence*

*Presidente: Dr. José de Campos Novaes*

*1º. Secretário: Dr. César Bierrembach - 2º Secretário: Dr. Edmur de Queiroz.*

---

À hora regimental, achando-se na sala, além dos sócios, em número legal, a Exma. Sra. D. Carolina Florence, viúva de Hércules Florence, e seus filhos: Exma. Sra. D. Izabel Florence, Dr. Guilherme Florence, Dr. Ataliba Florence e netos, Dr. Paulo Machado Florence e Alberto Florence e outros descendentes do grande cidadão, o Sr. Presidente declara aberta a sessão.

São lidos os telegramas dos Srs. Dr. Bento Bueno, Secretário do Interior e da Justiça, com Ihering e Luciano Bicudo Teixeira, agradecendo o convite para assistirem à sessão e associando-se à homenagem, e da Exma. Sra. D. Adelaide Florence e do Sr. Amador Florence, pedindo ao Dr. César Bierrembach que os representasse,

São lidos ofícios de congratulações com o Centro de Ciências, Letras e Artes e agradecendo o convite para assistir à sessão comemorativa dos Srs.: Dr. Estevam Bourroul, Arnandlo Machado Florence, Manoel de Mattos Azevedo, Antônio Hércules Florence, Julião F. Meyer e Henrique Florence; e do Sr. João José Duarte, Vice-Presidente da Sociedade Luiz de Camões, pedindo ao Dr. Cesar Bierrembach que o representasse, por não poder comparecer a Diretoria dessa sociedade.

Sr. Presidente lê em seguida o seguinte discurso de abertura de sessão:

Prezadíssimos consócios,  
Exmas. Senhoras,  
Meus Senhores.

Estamos aqui reunidos para rememorar uma personalidade de alevantados méritos artísticos e científicos que fez deslizar a maior parte de sua existência nesta Campinas, que ele tanto amou.

Achava-se aqui como um naufrago numa longa e infeliz jornada pelos sertões do centro do Brasil. Como um desterrado, porém, voluntariamente, continuou sua existência de artista fora do meio que lhe convinha; e, posto que saudoso da pátria e

dos círculos intelectuais mais seletos onde se educara, não renunciou todavia à luta péla ciência e pela arte.

Sua imaginação de poeta e de artista elevava-o a tentar a solução de problemas científicos, - nas artes gráficas principalmente, prevendo soluções que só hoje vemos desabrochar-se em pleno fulgor.

A sua invenção da pulvografia é agora uma das aplicações da fotogravura, que permite a reprodução das fotografias as mais delicadas e transparentes. A outra do papel inimitável só faltava fixação das cores, para se impor na estampagem das notas de bancos, o que ainda hoje é um *desideratum* da indústria e das artes gráficas. Estou certo de que a química com seus progressos ter-lhe-ia fornecido as tintas que aspirava adotar, para impor a sua bela descoberta, cujos espécimens, acompanhados do memorial descritivo em francês, tendes diante de vós.

Queixava-se sempre do seu isolamento intelectual; mas é certo que por um feliz acaso aqui encontrou espíritos esclarecidos, pouco é verdade, mas ilustres, e seus iguais em talentos e saber, como os Drs. Langaard, Ricardo Gubleton Dauntre, e, sobre todos, o colaborador químico de que necessitava - Correia de Mello.

Esse seletto núcleo de cientistas não deixou inutilizar pelo isolamento fora de centros mais civilizados. As relações epistolares com as sumidades européias forneceu-lhe uma válvula sempre aberta às expansões de mais vastos empreendimentos científicos.

É tocante recordarmo-nos dos serviços mútuos que os ligavam na mais íntima convivência, como no-lo atestam as cartas de Correia de Mello e os trabalhos publicados de Hércules Florence.

O talento de desenhista emérito, que já tinha sido de admirar, folheando as pastas de desenho de Hércules Florence, que me foram mostradas em S. Paulo pelos seus filhos, onde bem me recorde ter visto uma grande coleção de desenhos da viagem a Mato Grosso e ao Amazonas, entre os quais sobressaia com especial finura, por assim dizer - fotográfica, o Salto do Rio Piracicaba, era incontestável.

Nesta mesma visita foi-me mostrada grande quantidade de fotografias microscópicas, de cristalizações de minerais brasileiros, pelo nosso distinto consócio, o geólogo Dr. Guilherme Florence. Um tal desenhista era um tesouro ao lado de Correia de Mello.

Os botânicos atuais estão saturados até à saciedade de descrições diagnosticas e de desenhos de flores e frutos; desejam mesmo no seu gabinete, cheios de herbários secos, obter diante de si o próprio aspecto das matas e a sua atitude; o retrato enfim das plantas arborescentes mais notáveis, que constituem a feição característica duma paisagem exótica, exornadas por essas plantas tão formosas e famosas pelos produtos industriais e medicinais.

Estas considerações ocorreram-me lendo o tópico duma carta de Correia de Mello contendo o estudo sobre o - Cabreuva - *Myroxylon fondosus*, alemão, semelhante ao *M. peruiferum*, conhecido na farmacopéia inglesa pelo óleo balsâmico da casca. Da vasta correspondência com o seu colega de Londres, Dr. Daniel Hambury, vemos que ele prometera um desenho dessa árvore, cuja madeira é tão estimada na marcenaria, donde provem o nome de *mirus* - admirável e *xylon* (gr.) *madeira*.

Eis a interessante carta de Correia de Mello:

Desculpe o não remeter-lhe ainda o esboço (coquis) do *Miroxylon peruiiferum*, porque tanta demora não é devida à descuido meu, mas sim a diversas circunstâncias que ocorreram. Logo que aqui cheguei de volta da viagem a São Paulo e Santos (no dia 13 de fevereiro de 1871), é que recebi a sua carta, procurei dar imediatamente providências de modo a satisfazer o desejo do Amigo, mas primeiro que tudo era preciso um *cabreuva* que se prestasse a ser desenhado, isto é, que estivesse isolado e desembaraçado das outras árvores e de plantas trepadeiras que alterassem as suas formas. Isto feito, faltava-me quem fizesse o desenho, porque minha filha, que me faz a maior parte dos que preciso, acha-se em S. Paulo, por causa do seu mau estado de saúde. Lembrei-me do M. Hércules Florence, um dos desenhistas da malfadada expedição do Barão de Langsdorff, ao interior do Brasil.

Este M. Florence, de quem talvez tenha de falar mais longamente, é filho de Nice, passou parte de sua infância em Ventimiglia, motivo porque teve grande satisfação quando viu a fotografia de...

Neste estudo, e quando exatamente nos pareciam vencidas estas pequenas dificuldades, eis que novas se apresentam! As chuvas que foram excessivas no ano passado, prolongaram-se durante todo o mês de março, não nos davam tempo para sair, e muito menos para fazer um desenho exposto ao tempo, e finalmente um dia que cessou a chuva fomos ao lugar; M. Florence fez um esboço às ligeiras para por ele fazer um melhor; mas a este tempo foi preciso ele aprontar um filho que tinha de ir educar-se na Alemanha, e que devia partir desta cidade nos primeiros dias do mês de abril e isto ainda deu causa a que M. Florence não pudesse concluir o esboço, o qual espero remeter-lhe pelo pacote francês que tem de partir neste mês.

Eis aqui uma longa história de objeto tão insignificante!

A distância de tempo, para a recordação desses fatos, não é motivo para que não seja relido com prazer este documento de uma amizade tão profícua às ciências.

Devemos notar nesta carta o fato da prolongação das chuvas pelo mês de março, quando este ano já estamos cansados com as de fevereiro, que fora precedida duma seca sem igual.

Haverá ainda quem duvide que isto é uma consequência da devastação das matas?

As belas florestas vão-se e só nos restarão mais tarde as suas reproduções idealizadas pela palheta das aquarelas de Von Martius e de outros raros artistas.

Hoje a Geografia Botânica dispõe da fotogravura ampliada e delicadíssima nos minúsculos detalhes das rugosidades das árvores e no aspecto das floras.

É curioso constatar que seu filho Dr. Guilherme Florence tem-se ocupado de retratar as árvores mais notáveis da nossa flora Paulista, e vi exatamente um esguio cabreúva isolado dentro dum milharal, que seria talvez a árvore desenhada pelo seu pai a pedido de Correia de Mello.

O nosso consócio, distinto amador fotógrafo, Sr. Austero Penteadado que tem revelado um dom artístico inegável, tem-se ocupado já em retratar cerca de 50

arvoredos e paisagens a meu pedido, que vão figurar dignamente no certame de S. Luiz, onde servirá para documentar as nossas riquezas florestais.

Como seria grato a ambos os cientistas, se existissem, e pudessem admirar, essa nova aplicação da fotografia multiplicada pela fotogravura até em cartões postais!?

Por sua vez são importantíssimos os serviços químicos de Correia de Mello, a quem recorria Hércules Florence quando desejava dar consistência aos seus ingredientes ou diluir as tintas mais facilmente nas manipulações de sua pulvografia, da poligrafia e do papel inimitável.

É ele próprio quem nos revelou que, estando a procura dum líquido corrosivo, sensível à luz, Correia de Mello indicou-lhe o *nitrate de prata* para aplicação na fotografia.

Era essa mesma substância que Daguerre e Nièpce também descobriram em França.

Quanto à questão de prioridade, ouvi de meu distinto amigo, Dr. Paulo Florence as narrativas sobre essa descoberta; mas não podia saber, sem documentos, quais as datas precisas dessas experiências. Soube, folhando as bibliografias das ciências naturais, que nos *Annales Del Museu* de Buenos-Ayres havia uma série de pranchas contendo as cartas e os contratos autógrafos de Daguerre e Niepce, que vieram parar no Prata.

Mandei vir essa publicação, que ofereci ao Dr. Paulo Florence, como documentos de alto interesse para a questão de prioridade da invenção da Fotografia.

Como era de esperar os felizes franceses, que moravam em França, chegaram à publicidade da descoberta antes do expatriado de Campinas.

Também Bartolomeu de Gusmão voou realmente diante do rei D. João V, e no entanto esse fato, sem repercussão, passa na memória dos povos por uma mera legenda.

Proclamemos os fatos, e eles reboarão pelo mundo a foram até quando outros Santos Dumont forem impor ao longe as nossas descobertas.

- Tem a palavra o Dr. Amálio Silva, nosso orador oficial.

-----

Exmo. Sr. Presidente do Centro de Ciências, Letras e Artes  
Exma. Sra. D. Carolina Florence, digníssima viúva de Hércules Florence  
Exmas Senhoras  
Meus Senhores

No desempenho das funções que ora exerço nesta casa, por excessiva e imerecida benevolência dos que me honraram com a insigne distinção de orador oficial dela, durante a vigente Diretoria, venho com a minha palavra, desnudada dos encantamentos da eloquência, tanger em rápidas frases, a acidentada e opulenta vida intelectual da personalidade, a cuja diletta memória, este Centro de Estudos presta uma justíssima homenagem, lhe consagrando esta sessão solene.

\*\*\*

Bem haja, senhores, ou maldita seja a memória daqueles que, depois de se engolfarem no intérmino sorvedouro da Morte, são ainda recordados no cenário da Vida com uma acentuação tão real, que dir-se-ia possuir o dom, jamais possível, de uma presença material que se não extingue. Sim, - maldita seja a memória dos maus; dos que contribuíram para agravar o molestamento natural do homem, derivante de sua própria contingência física; mas bendita seja a dos bons; dos que operaram na vida, com sacrifício gozos mundanos, tendo quase por único escopo o bem comum da humanidade. Sim, - maldita seja a ossada dos que semearam discórdias na superfície da terra, inspirados nas sombras da noite escura e sinistra do interesse egoístico e da maldade; bem haja, porem, a daqueles que, fascinados pela luz radiante do Bem e da Verdade, sem oscilações nem desânimos reais, fizeram de sua vida inteira um instrumento do progresso humano em nome da paz e da ordem por quem falam a Ciência e a Arte.

Esquisita e enigmática a natureza humana! - O Bem, nem por ser bem, - e a Verdade, nem por ser verdade, tem logrado avassalar-lhe o coração e a inteligência. Há como que uma perene conspiração de elementos no subsolo das sociedades que a todo o instante embaraçam a consumação desse avassalamento. Daí este cotidiano fenômeno: há quem se inspire no mal e por ele trabalhe com o mesmo carinho, o mesmo afinco como se estivesse afeiçoado a um fim justo, um ato lúdimo de bem; daí igualmente a conspurcação da própria verdade sabida e a singular propensão para negá-la. Ora, si o mal ainda hoje desfruta tal influência na sociedade humana, si a semente com que o difundiu a ignorância das passadas éras, ainda germina e medra e frutifica de uma forma que assombra, que seria da humanidade, de seus sentimentos de ordem, de paz e de progresso, si de quando em vez, não irrompesse de seu seio, como contrapeso às expansões daquela influência, o gênio de uma alma operosa que, por seus feitos e seus atos, levante o exemplo fecundo do trabalho honesto, do amor à sabedoria, da escravização da vida às conquistas da ciência e às dominações da arte? - exemplo para ficar aos olhos da humanidade como uma fascinação de glória por cuja esteira luminosa sigam outros e mais outros à cata de novas dominações e conquistas?

Que seria, por exemplo, da aeronáutica, após tantos insucessos e desgraças, se aquela *alma gigante num corpo de criança*, cuja presença neste recinto já deixou a todos nós numa inflamação de entusiasmo, para sempre inesquecível, que seria da aeronáutica, repito, se Santos Dumont, - esse que conquistara para o Brasil a glória imorredoura de haver resolvido o problema da dirigibilidade dos balões, não tivesse a abnegação intraduzível de sobrepôr o seu amor à ciência ao amor de sua própria vida?

Lembraí-vos ! - nem a queda que o lançou das alturas sobre as cimalthas do Trocadero; nem o glorioso sucesso de seu *naufrágio* no Mediterrâneo, em cujo ato aflitivo teve de apagar com o seu branco *panamá* as chamas que lhe devoravam a aeronave, nem o horrível desastre de Augusto Severo, mais um mártir da ciência e seu êmulo nos vôos pelo espaço, nada esmoreceu aquela coragem, aquela firmeza,

aquela confiança, no prosseguimento de sua rota, no desbravamento dos chamados *impossíveis* da direção aerostática.

\*\*\*

Aquele, por cuja memória estamos aqui reunidos, fora também, srs., um predestinado, a quem a ciência muito deve, e muito mais lhe deveria, atentas as predisposições naturais de seu gênio, se condições acidentais de sua vida não lhe tivessem escasseado os meios materiais de expansão intelectual.

Todavia, a sua vida foi um tesouro de riquezas espirituais, como ela desdobrou-se desde o seu berço.

Antoine Hercule Romuald Florence nasceu na famosa Nice, capital do departamento dos Alpes Marítimos, na França, aos 29 de fevereiro de 1804; e tinha apenas três anos quando perdeu o pai.

Nascido à beira do mar, - desse mar que a imaginação greco-fenícia enchera de lendas fantásticas; tendo a encantar-lhe os ouvidos o eco plangente das ondas a se quebrarem molemente na praia, e sob um céu azul incomparável, onde a imaginação contemplativa do artista, ora se embevece, melancólica e suave, ora se enaltece, viril e megestosa, o nosso herói revelou-se desde logo uma fibratura moral do mais apurado escol. Devido à influência do meio-ambiente, o seu primeiro pendor foi pelas coisas do mar.

“ O mar, razão teve para dizê-lo o seu eminente biógrafo, Dr. Estevam Leão Bourroul, atraía desde a sua primeira infância a Hércules Florence, como a tantos outros heróis e poetas, pensadores e filósofos, atraía e atrairá o Grande Azul (La Grande Bleu” cantada por Pierre Loti e Richepin, Bonnetain e Pierre Maël, La Landelle e Micheletm Paul Arène e Paul Bourget, Guy de Maupassant e Maiseroy - depois de Homero e Xenofonte e Virgílio; o mar, que produziu Jean Bart e Duguay Trouin, Surcouf, Cristovão Colombo e Jacques Cabot, - os descobridores do mundo e os conquistadores das plagas americanas em nome do seu Deus e de seu Rei”

Mal acabaria de completar 16 anos e já Hércules deixava o teto materno para entregar-se a aventuras marítimas, cuja paixão ele atribuía à leitura de *Robinson Crusóé*. “*Li Robinson, diz ele em sua autobiografia, e fiquei apaixonado pelas viagens e aventuras marítimas. Este gosto me deu o da geografia, e passava horas inteiras sobre um atlas bom que nós tínhamos. Não havia um ponto no globo onde eu não pretendesse ir algum dia. O mediterrâneo me parecia muito pequeno e eu apenas pretendia percorre-lo como se percorre um lago do país antes de o deixar*”.

Em Hércules Florence à resolução **seguiu-se** logo a execução.

Engajando-se como grumete num navio de um judeu, partira em 1820 para Antuérpia. A realidade da vida, porém, com os seus designios fatais, desfechou aí, nos seus planos de aventuras, um golpe profundo, que se não fôra a sua hercúlea organização moral, teria posto termo a todos eles. Pois vendo-se naquele centro mercantil, sem parentes, nem amigos, já balde de recursos, sem esperança de um emprego, quase presa do desespero, resolveu

voltar à pé ao lar materno, e assim partiu de sacola no ombro. “Passou por Bruxelas (escreve o seu biógrafo Dr. Estevam Leão Bourroul) viu a fachada gótica da Igreja de Mellines, a farda branca dos sentinelas em Valenciennes, a pirâmide de Dérain; e assim chegou a Paris, em todo o rigor do inverno, no mês de dezembro”. Daí seguiu para *Aix Aquae Sextiae* dos Romanos, atravessou toda a Provence, chegando por fim ao teto materno, depois de um percurso de mais de trezentas léguas, por invias estradas, arrastando mil perigos e no rigor de um inverno a que não resistem as mais robustas organizações! Para outro, que não Hércules, esta experiência da vida teria crestado de vez a flor de seus projetos de **viajor** marítimo. Entretanto, dois anos após ele volta de novo a pensar neles, e agora executá-los com firmeza inabalável.

Consegue matricular-se na marinha francesa com a preocupação de empreender uma viagem ao redor do globo. Toma parte no cerco de Barcelona em 1822; desengaja-se da marinha por doente, e afinal vem aportar às plagas brasileiras em 1824. Logo de chegada obtém um lugar de caixeiro numa casa de modas, da qual saiu espontaneamente após um ano, para daí a três meses empregar-se na de um livreiro-editor.

Nesta também não se conserva por muito tempo. Tendo visto um anúncio de um naturalista russo em que este declarava precisar de um pintor numa viagem científica que estava a empreender pelo interior do Brasil, acrescentando que, quem tivesse as necessárias condições, dirige-se ao vice-consulado da Rússia, Hércules Florence, que era um inspirado pintor, um primoroso aquarelista, nem mediu as dificuldades da empresa: para aí correu; entendeu-se com o Sr. Georges-Henri Langsdorff, barão e exímio naturalista que ali exercia o cargo de cônsul geral da Rússia.

Descrever o que foi essa expedição, em que tomaram parte, além de Langsdorff e Hércules Florence, este na qualidade de 2<sup>o</sup>. Pintor, Luiz Riedel, célebre botânico, Rubzoff, astrônomo de nomeada, Christiano Hasse, conhecido zoólogo e Amadeu Adriano Taunay, moço de comprovado talento artístico, seria um trabalho incompatível com a escassez do tempo, em que me é dado ocupar esta tribuna sem ofender a delicadeza de vossa benévola atenção. Basta dizer-vos que a arrojada expedição partiu no dia 3 de setembro de 1825 do porto do Rio de Janeiro, em demanda do de Santos, onde chegou dias após. Daí a comissão foi buscar Porto-Feliz, a antiga *Ararytaguaba*, donde devia começar a sua penosa e arriscada viagem fluvial, em cujo percurso, de envolta com os acidentes próprios do meio agreste e selvático, teve ocasião de contemplar, surpreso e extasiado, a tantas maravilhas, ainda hoje cerradas nos recessos dos sertões e florestas de nossa Pátria. Aqui, no Rio Tietê, era a cachoeira *Banharú*, a chamada *Cabeceira de Uputunduva*, mais além o magestoso salto de *Avanhandava* a oferecer-lhe o grandioso espetáculo de uma enorme massa de água a precipitar-se de uma altura de cerca de 40 pés, levantando a queda um finíssimo nevoeiro de espuma, que de longe dá a **mirífica** ilusão de um bloco de algodão alvíssimo... Alí, era o rio Paraná com a imensa largura a desafogar-lhe a alma do enleio confrangente

do encaixoeirado Tietê, onde a vista parava bruscamente nas quebradas das cascatas e dos saltos. Mais além - novas cenas, novas maravilhas! Ora a floresta virgem com o magestoso panorama de sua vegetação, sempre virente; ora, as vastíssimas planuras com a melancolia de sua perspectiva imutável. Tudo isto, porém, sempre cortado de dificuldades e perigos para os ousados expedicionários... Tudo isto, porém, sempre cortado de dificuldades e perigos para os ousados expedicionários... E assim foram eles a Cuiabá; de Cuiabá a Diamantino; daí a Rio Preto, de Rio Preto a Santarém; de Santarém a Belém do Pará, donde por fim se transportaram para a capital do ex-Império, tendo feito em percurso total de 2.165 léguas brasileiras. Eis aí a rota caminhada por essa heróica expedição, da qual Hércules Florence deixou uma interessante memória, escrita em francês, sob o título de *Esboço de Viagem*, feita pelo sr. Langsdorff no interior do Brasil, desde setembro de 1825 até março de 1829, isto é, no espaço de 3 anos e meio, - memória que foi traduzida pelo nosso saudoso e extinto patricio Visconde de Taunay, florão glorioso da história e da literatura nacionais.

Aí, nas páginas descritivas dessa viagem, as cenas da natureza selvática de nossas terras, se apresenta aos olhos do leitor fascinado com tanta vivacidade que dir-se-ia tê-las à vista com todo o ambiente claro-escuro das cores naturais, que as formoseam.

Mas, como assim não ser, se Hércules Florence era, acima de tudo, um poeta da Natureza, de quem ele aliás injustamente se queixava numa frase que tanto tem de singela, quanto de reveladora das eclosões de sua primorosa inteligência: “...se a natureza tudo me negou, porque concedeu-me o dom de sentir com tanta força?”

Era a revolta do homem de ação, o protesto da inteligência investigadora contra este horrível contraste: - ela a pretender avassalar o conhecimento de todos os fenômenos da natureza; e esta, pela sua multiplicidade, como que a dizer-lhe: - é impossível.

E o seu espírito, diante desta barreira intransponível, julgava-se incapaz de corresponder às expansões fenomenais de seu sentir.

A isto só cabia revidar-se com a ironia de Schiller no seu *Wallenstein*:

“Largo é o cérebro, estreito é o mundo; os pensamentos nada sofrem por viver uns ao lado dos outros, mas as coisas se entrechocam duramente no espaço”.

\*\*\*

Quem lê, senhores, o *Esboço de Viagem*, de Hércules Florence, não sabe, na verdade, o que mais admirar: se a desvendação das belezas naturais de nossos sertões; se o heroísmo dos intrépidos expedicionários, no meio do cortejo de perigos, de privações, de torturas morais e físicas por que passaram.



“Muitas vezes esqueceram o dia do mês em que estavam...” o chefe da expedição, o organizador dela, perde a razão e quase sucumbe vítima das febres.

“Singular expedição, diz o Dr. Bourroul, a de sua Majestade, o Czar de todas as Rússias, no interior do Brasil!

“Era a primeira empresa deste gênero, no princípio do século, éra da independência, quando as regiões que tinham de percorrer a Comissão eram todas inóspitas, despovoadas, téticas - um mistério! Ainda hoje é o fim do mundo - de um mundo aurífero, riquíssimo, incomensurável - e sempre desprezado! Singular e predestinado: começou mal. E pior acabou.

“Rugendas esquiva-se logo de início; Hasse - suicida-se. Taunay perece afogado nas águas do Guaporé. O Cônsul Langsdorff perde a razão, Rubzoff e Riedel arriscam os seus dias e Hércules quase morre sob a pressão das febres, que os pungia a todos numa rede de dores cruciantes: a bússola desnorteada - desvairava; o lápis do desenhista, as observações do astrônomo - as pesquisas do botânico... tudo andava de par com o estado mental do infeliz Cônsul Langsdorff...

“Verdadeira epopéia!

“Mas - epopéia da dor, do desalento, do abandono, da luta diária contra os elementos conjurados!”.

Terminada a expedição, cujo merecimento para a história de nossa Pátria ninguém contestará, Hércules Florence foi para Itú, onde contratou casamento com a V.Emxa. Sra. D. Maria Angélica, filha do notável paulista - Francisco Álvares Machado e cujo enlace se efetuou em São Paulo, em 4 de janeiro de 1830, vindo em seguida para Campinas, ainda então - Villa de S. Carlos, onde já estava residindo.

Com o casamento cessaram os seus planos de excursões aventurezas. Abre-se então para ele novo horizonte de atividade intelectual.

Entra a dedicar-se com afinco a investigações científicas, para as quais o seu primeiro inventivo tinha igualmente acentuada vocação, manifestada desde os vinte anos com a sua *Noria hydro-pneumatica* ou hidrostática “tendente, dizia ele, a produzir uma grande força por meio de água estagnante”.

Não obstante não ter dado a Noria resultados práticos, serviu todavia para denotar o interesse, o cuidado, a decisiva preocupação de Hércules com as coisas científicas. Ele escrevia memórias; consultava especialistas em hidrostática com o ardor de um convencido.

\*\*\*

Tendo feito, durante a excursão Langsdorff, uma singular observação sobre a voz dos animais, sobre a qual escrevera uma memória, a que dera o nome de *Zoofonia* e lhe sendo difícil publicá-la, porque nessa época, em São Paulo, só havia uma tipografia - a do *Pharol Paulistano*, concebeu Hércules a idéia de fazer um aparelho de impressão. Engendrou as peças, preparou a

substância e fê-lo funcionar - foi a *Poligrafia*. Reproduzamos aqui as próprias palavras do seu *Memorial*: “Eu queria publicar em francês o meu escrito sobre a *Zoofonia*. Se me era tão difícil imprimir o texto, impossível me era mandar imprimir as Figuras musicais. Ter-me-ia sido dispendioso ir ao Rio de Janeiro. Achei melhor procurar eu mesmo os meios de imprimir a minha memória.

“*Um motivo poderoso que me impelia também para estas investigações, era eu querer publicar mais de duzentos desenhos da minha viagem. Pus-me a trabalhar a descobrir a Polygraphie, cuja origem não foi devido ao acaso, mas sim a um cálculo formado e premeditado*”.

Em 1832, Hércules Florence descobriu a *Fotografia*, oito anos antes de Daguerre.

“Refere-nos um contemporâneo em carta particular, diz o Dr. Bourroul com respeito ao mesmo, que em 1831, sempre levado por seu espírito investigador, e com ingredientes fornecidos pelo farmacêutico Joaquim Correia de Mello, fabricou uma câmara escura com uma caixa de papelão e colocou uma lente e com este simples aparelho conseguiu várias fotografias, entre as quais uma da cadeia velha de Campinas, que ainda estava perfeita quinze anos depois,

Em 1842, faz Hércules novas indagações científicas. Inventa o *papel inimitável* para notas de bancos, escrevendo sobre ele uma memória acompanhada de uma estampa poligrafada.

“A Academia de Belas Artes do Rio de Janeiro adotara em sessão de 22 de novembro de 1843, o parecer da respectiva comissão em que falava principalmente da parte que respeita ao papel inimitável, com tanta particularidade, que mostra a importância que se dava a este assunto”.

Mas não foi só a nossa Academia quem assim se manifestou sobre esse invento. A academia de Ciências e Artes de Turim fora de opinião que ele tinha “propriedades contrabalançadas por defeitos, mas que merecia a proteção do Governo da Sardenha”.

Não para aqui a ânsia criadora desse admirável espírito.

Em 1853, inventa o *Dicionário sinótico*, onde sempre se abre necessariamente o livro na página onde está a palavra procurada, dizia ele”.

Em 1859, dá-nos a Estereopintura.

“...pode-se pintar o sol, são palavras dele, numa paisagem com luz tão viva que não se lhe possa fixar os olhos. À vista disto é excusado dizer que se pode produzir todos os efeitos da luz tais e quais existem na natureza”.

Em 1860, abre-se ainda em seu fecundo cérebro mais uma flor do seu gênio - é a *pulvogrografia*, isto é, a impressão por meio do pó.

“Hércules conseguiu resultados surpreendentes com este novo processo” diz o Dr. Bourroul.

Uma carta por ele dirigida ao Dr. Américo de Campos, datada de 14 de novembro de 1874, dá-nos a conhecer a utilidade desse invento.

*“Tomo a liberdade de enviar-lhe um lenço de chita, dizia ele, impresso pela pulvografia, sem prensa, nem pressão alguma, há quatro anos, quando a arte estava mais atrasada do que hoje.*

*“Basta o nome desta arte nova para que um homem atilado lhe perceba o futuro. A poeira parece ser um elemento, pois ela cobre uma cidade inteira, Como é que até agora ninguém reparou nas impressões que uma tesoura, um livro, deixam com a poeira que cai a cada hora do dia sobre uma mesa envernizada, e não forjou os clichês para fazer lindas impressões?*

*Parece razoável crer-se que a pulvografia tem de mudar algum dia o aspecto das cidades, cobrindo de pinturas as igrejas, os palácios, as praças públicas, onde serão reproduzidas as obras primas dos Mestres, onde o homem terá, desde a infância, uma leitura sinóptica que lhe incutirá o conhecimento do Bom e do Belo”.*

Hércules enquadrou nestas linhas a feição característica de seu gênio o seu amor pela ciência e pela arte com a forte paixão de um iluminado em quem a confiança no valor de seus atos não ficava adstrita ao círculo estreito do presente, mas atingia as raias esperançosas do futuro.

O amplo raio de sua visão intelectual era só comparável à multiplicidade de seus vastos conhecimentos. Pois entre os papéis que deixara, foi encontrada uma grande cópia de estudos sobre assuntos os mais variados e interessantes.

Mas não é só. Ele também foi patriota na sua pátria adotiva. Quando mais veemente se empenhava a luta entre o Brasil e o Paraguai, Hércules Florence, que era uma organização vibrátil, capaz dos mais nobilíssimos impulsos, sentiu-se tomado de verdadeiro sentimento patriótico. É disto testemunho o que escrevia, na sua correspondência epistolar, a seus filhos na Europa; e mais do que isto - a idéia de se criar uma *Milícia Sertanista*, semelhante a dos *Zuavos* na França e a dos *Bersaglieri* na Itália, para cuja organização formulava um plano de engenhosa execução.

Nas páginas em que justificava sua idéia, dizia ele sobre modo inspirado:

*“O Brasil tem elementos de força e grandeza; poderá se achar alguns meses à bordo do abismo, mas há de se salvar. Dizer ao contrário é desconhecer a Providência, que traçou com seu dedo os mais vastos limites que existem; formou um território tão extenso como a Europa; compacto, sem retalhos, sempre verde e risonho; onde correm rios que são mediterrâneos; onde há nos seus habitantes unidade de linguagem, unidade de origem, religião, leis e costumes”.*

Eis em breve súpula, senhores, a história desse que em vida se chamou Hércules Florence.

Que melhores títulos pode, pois, apresentar um homem ao júízo da Posteridade para merecer um lugar distinto no Pantheon da História?

Ele foi - herói.

Ele foi - artista.

Ele foi - cientista.

E em cada uma das manifestações de seu espírito, - quem poderá negá-lo? - deixou indelével a viva cintilação de seu gênio.

\*\*\*

Senhores.

Tendo falecido em 1850 a virtuosíssima senhora D. Maria Angélica, sua primeira esposa, Hércules Florence contraiu segundas núpcias, em 4 de janeiro de 1854 com a Exma. Sra. D. Carolina Krug, a venerável matrona que ali está, com a cabeça embranquecida pela neve dos anos, - a mesma que, por longo tempo prestara outrora à sociedade campineira, como educadora solícita e emérita, os mais assinalados serviços. Pois bem, - ela que foi esposa exemplar, de cuja qualidade acaba de dar mais uma prova, vindo especialmente de S. Paulo para assistir a esta sessão, há de permitir que consideremos a sua presença nesta sala como a mais bela flor da homenagem que prestamos à augusta memória de seu saudosíssimo esposo.

O Centro de Ciências, Letras e Artes, pela voz do humíllissimo orador que vos fala, curva-se diante desta formosíssima homenagem, emoldurada pela cativante presença de filhos e netos do grande solenizado, cuja memória,- este momento indica, - há de passar de século a século, cristalizando, no seio das gerações campineiras, a sementeira de uma vida que foi espelho da honra,- bandeira de heroísmo, inspiradora da arte e farol da ciência:

Tem a palavra o *Dr. Paulo Florence*:

*Sr. Presidente,*  
*Exmas. Senhoras,*  
*Senhores Consócios e*  
*Meus Senhores.*

A minha presença nesta tribuna será de minutos e tão somente para o cumprimento de um dever, mesmo porque depois das brilhantes peças produzidas pelos Senhores Presidente, Orador Oficial e Secretário do “Centro” tudo quanto eu pudesse dizer seria como um crepúsculo depois de um dia inundado de luz.

Sendo de todos os membros da família o menos competente, fui entretanto o designado para corresponder pela palavra ao ato altamente significativo e honroso que vem hoje de praticar o “Centro”. Procedi como costume em tais ocasiões: sem me preocupar com a minha incapacidade, **assomo** na tribuna como o soldado disciplinado que, sem discutir, marcha a ocupar o posto que lhe é designado na linha de combate.

Meus Senhores.

Como é sabido, o fundador da nossa família, o homem de cujo nascimento o “Centro” comemora hoje o centésimo aniversário, aportou às plagas brasileiras na época em que para a nossa estremecida Pátria surgia radiante, cheio de calor e

prometedor de vida, de glórias e de grandezas, o sol de nossa independência. Ele, o espírito investigador, ambicioso de conhecer o mundo, teve a satisfação de, ao termo de sua primeira viagem, vir encontrar constituída uma Nação, que antes não figurava como tal nos mapas e nos compêndios.

Levado por aquele espírito, o seu primeiro empreendimento na terra brasileira foi o de um digno continuador daqueles homens extraordinários por seu arrojo, coragem e temeridade, conhecidos na História Pátria pelo nome glorioso de “bandeirantes” e que foram os verdadeiros conquistadores de nosso solo e fundadores da nossa nacionalidade.

Homens de um espírito de independência e de uma envergadura tal eram os nossos ancestrais, que no século XVII escrevia-se em França uma Geografia, errada é verdade, mas na qual se dava São Paulo como uma república independente, encravada na colina lusitana da América do Sul.

Qual novo argonauta dos sertões, em companhia de outros exploradores de valor, Hércules Florence empreendeu e realizou uma obra verdadeiramente hercúlea: em embarcações primitivas e frágeis, partiu de Porto Feliz, neste Estado, e pelas vias fluviais do nosso planalto central só foi parar onde a grande ilha de Marajó, qual marco colossal, parecia dizer-lhe - *Siste viator*; aqui acabaram-se os rios e começa o Oceano!

Durante anos perlustrou os nossos sertões e aí, nessas solidões majestosas, pode apascentar à vontade a sua alma de poeta e de artista, ora na contemplação das nossas selvas milenárias, ora escutando a música murmurante das nossas profundas caudais, ou ainda ouvindo o estrugir tempestuoso das nossas cataratas, deixando-se hipnotizar pelo redomoinho estonteante de suas águas.

Depois, achou-se navegando no mediterrâneo brasileiro, nesse riomar, em cujas margens a fantasia dos primeiros viajantes fez existir uma nação de mulheres guerreiras, das quais lhe vem o nome, que é hoje o da região talvez mais rica do globo. Na foz dessa imensa serpe de água viu o combate medonho de sua corrente com as ondas atlânticas e, ao arrebentar da pororoca, assistiu à espantosa vitória do rio sobre o Oceano.

Pois bem. Parecia que depois de tantos e tão grandiosos espetáculos devia estar satisfeita a ambição do bandeirante e que podia ele, “nas asas do vento”, navegar para a terra natal e aí contar e cantar os feitos que produzira.

Entretanto não o fez e, tomando rumo ao Sul., ei-lo que vem de novo em busca da terra paulista e aqui, neste torrão campineiro, de que me orgulho ser filho, neto e bisneto, constituiu família e levantou sua tenda, a um tempo de patriarca e artista.

E, Senhores, ele fez-se campineiro de coração. Como o herói de Alencar no seu belíssimo poema “Iracema”, não quis para si outra pátria que não a pátria de seus filhos.

Cidadão, tornou-se prestante na pátria adotada, Artista, adorava o céu de safira da nossa Campinas, que lhe recordava o azul do céu da sua estremecida Nice, com o qual vive em desafio contínuo, mas sempre vencido, o dos olhos das louras filhas da orgulhosa Albion. Varão honrado, conquistou desde logo a estima incondicional dos antigos campineiros, geração de homens simples, enérgicos e

virtuosos, para os quais o maior crime consistia na falta de cumprimento de qualquer dever de honra.

Era isto que eu queria dizer, meus senhores, ao agradecer emocionado, pela família de Hércules Florence, esta comemoração do seu centenário, que faz este “Centro” campineiro, - afirmar que glorificastes um campineiro.

O homem pertence mais à sociedade do que à família e, assim sendo, nós, a viúva e descendentes de Hércules Florence, se bem que não tenha limites a nossa gratidão ao “Centro”, cedemos o nosso lugar e, com orgulho e júbilo, deixamos que a manifestação ora feita à memória do nosso saudosíssimo chefe seja recebida por Campinas, como parte integrante do seu patrimônio de glórias!

---

Pelo Sr. 1º. Secretário foi lido o escrito da lavra do prestante sócio correspondente Dr. Estevam Leão Bourroul, intitulado “Notas avulsas sobre Hércules Florence, um Episódio” no qual o autor, em estilo fluente e agradável, relata peripécias da vida acidentada do denodado filho de “Nizza”.

Dr. Ataliba Florence sucede na tribuna e oferece ao Centro uma coleção de reproduções de trabalhos originais de seu ilustre pai, acompanhando de delicadas palavras a oferta, que o Sr. Presidente agradece, em nome do Centro, como uma aquisição para ele de inestimável valor.

Em seguida, o Sr. Presidente, tomando novamente a palavra, depois de agradecer às Exmas Sras. e Cavalheiros que com a sua presença tinham vindo abrilhantar a homenagem ao homem que, estrangeiro pelo acaso do nascimento, era de coração compatriota dos que o glorificam; declara encerrada a sessão. E eu, 2º. Secretário, lavrei a presente ata, que dato e assino.

Sala das sessões do Centro de Ciências, Letras e Artes, em 29 de fevereiro de 1904.

Edmur de Souza Queiros

